

A RESTAURAÇÃO

REDAÇÃO

Sede social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar
GUIMARÃES

SEMANARIO CATHÓLICO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A RESTAURAÇÃO»

Director e administrador — Antonio Luis da Silva Dantas

ADMINISTRAÇÃO

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesse
Rua de Fayo Galvão

JANSENISMO E LIBERALISMO

Prometti em tempo e era minha vontade fazer um estudo comparativo assás minucioso entre estes systemas heréticos que, muito divergentes na apparencia, confluem todavia nas mesmas consequências.

Formou-se em mim, porém, a convicção de que esse estudo, por mais bem feito que fosse, apoiado unicamente em meu nome não produziria grandes fructos; pelo que desisti de o fazer.

No emtanto não posso resistir à tentação de, muito rapidamente, mostrar a frisante semelhança que se nota na evolução dum e doutro.

Ideologicamente sam erros mui diversos um do outro: um tanto exalta a accção da graça em nosso ser, que vai dar na negação da liberdade; o outro encarece tanto a liberdade, que chega a prescindir da graça. Um apresenta-nos um Deus cruel, vingativo, tyrânico; o outro quer que em Deus só vejamos a misericórdia, a bondade, o perdão. Mas praticamente ambos elles levam ao afastamento da Igreja e dos sacramentos, á relaxação dos costumes, ao desprezo da auctoridade ecclesiástica.

Em várias épocas da história repontaram erros que tomaram grande extensão e que custaram muito a debellar. E neste ponto talvez que estes levem primazia a todos os outros.

O jansenismo estendeu-se tanto pela Europa, que não houve nação que escapasse á sua deletéria influencia; e, o que é muito mais para lamentar, invadiu uma grande parte da própria Igreja do-cente.

Em França penetrou em academias, no parlamento, nas ordens religiosas e até no episcopado. Diz a história que do numeroso episcopado francês apenas quatro membros ficaram immunes do contágio.

Durante quasi tres séculos a vigorosa vitalidade da Igreja trabalhou por expellir de si este corrosivo veneno, que a mataria, se ella não fosse immortal.

Ora com o liberalismo dá-se a mesma circumstancia. Tem tomado uma extensão espantosa. Tem penetrado em toda a parte: nas escolas, nos governos, nas associações de classe, na alma de quasi toda a sociedade. E o que tambem é muito para sentir, é que o clero, e até o clero mitrado, numa grande parte está eivado de virus liberal.

E' este o maior e o mais perigoso erro do nosso tempo, que já subsiste ha mais dum século e que ainda está para durar muito.

Ambos estes erros têm o caracter commum da hypocrisia e da dissimulação. Penetraram na Igreja, senão no seu âmago, ao menos nos seus ramos; e com tergiversações, com perfidias, com attitudes postizas, procuram evitar os golpes que os vam ferir.

Fazem lembrar a lubricidade da enguia e doutros peixes. O pescador deita a mão á enguia e vê bem que a tem presa, e aperta-a quanto pode para a segurar; mas, quando menos o espera, a enguia escapa-se-lhe da mão. Começa a contrahir-se, a estender-

se, a collear, a ondular-se; e, se o pescador não lhe cravar bem as unhas ou não lhe metter uma farpa, não a poderá segurar.

Assim a Santa Sé, logo que viu esses erros, fulminou-os com os seus anáthemias e apanhou-os em cheio. O liberalismo, assim como o jansenismo, está bem condemnado. E a Igreja, que não procede de leve nem sem maduro exame, quando os condemnou, sabia bem o que fazia.

Mas que succede? Succede agora com o liberalismo o que já se deu com o jansenismo. Os liberaes, embora se veja claramente que estão incurso nas condemnações da Igreja, esforçam-se por se livrar dessas condemnações, usando de subtilidades, de confusões, de velhacarias. Poucos homens haverá aí que se não gloriem de ser liberaes; e que os que se inculcam como taes, o sam no sentido condemnado pela Igreja, não soffre dúvidas, attentos os seus actos, as suas ligações, as suas ideias.

Mas vá alguém dizer-lhes que elles não sam catholicos integros, que estão prejudicando os interesses religiosos, que sam a causa das affrontas que os governos fazem ao poder ecclesiástico, e ouvirá a resposta dada por elles: que sempre foram amigos da Igreja, que sempre a têm defendido e que promptos estão a defendê-la; que, se ella soffre alguma oppressão, é devida ao ódio e ás provocações com que os reaccionários tratam os liberaes.

Numa palavra, os liberaes, com os seus subterfúgios, com os seus silências propositados, com as suas confusões acintosas, com as suas dissimulações artificiosas, pretendem fazer-nos crer que as condemnações da Igreja não os attingem, que estão innocentes e que não merecem que nós os tratemos como suspeitos. Só se darão por attingidos, se a Igreja os condemnar nominativamente, de modo que não possa haver dúvidas a tal respeito.

P. A.

«A infelicidade accrescenta novo lustre á glória dos grandes homens.»

Duclos.

A portaria

A esta hora já todos os nossos leitores conhecem a célebre portaria dirigida pelo snr. ministro da justiça ao Ex.º Arcebispo Primás.

Não occuparemos as nossas columnas com o absurdo documento, no nosso pensar sobre a doutrina lá consignada é bem conhecido.

Gloriamo-nos de ser catholicos; e para sustentar e defender a doutrina e a causa da Igreja é que sempre temos trabalhado e esperamos continuar a trabalhar.

Não podemos admittir, sem negar a nossa fé, que poder algum se arrogue direitos sobre a auctoridade da jerarchia ecclesiástica, que é de instituição divina.

Fazemos nossa a mensagem de protesto contra a portaria e de desaggravo ao venerando Arcebispo Primás, votada pelo clero deste arceprelado e dirigida ao nobre Prelado. Ei-la:

Ex.º e Rev.º Snr.

O clero do arceprelado de Guimarães, reunido em numerosa assembleia, delibera prestar a V. Ex.ª Rev.ª a respeitosa homenagem da sua solidariedade e dedicação.

Comprehendendo a dôr que nesta occasião inunda a alma de V. Ex.ª Rev.ª por ver desconhecidos os sagrados direitos e justa liberdade da Santa Madre Igreja, não lhes permite a consciencia nem o coração, como a filios devotissimos della e súbditos dedicados de V. Ex.ª Rev.ª, que abafem no peito a sincera expressão dos sentimentos que os dominam.

Reconhecem que lhes toca grande parte dessa dôr, e asseguram a V. Ex.ª Rev.ª que como sua a querem tomar e a tomam, unindo-se como irmãos entre si e como filios em torno do sólio archiepiscopal de V. Ex.ª Rev.ª: união que professam e promettem manter em todas as conjuncturas em que a causa da Igreja, o serviço de V. Ex.ª Rev.ª e as necessidades da disciplina ecclesiastica o demandarem.

E protestam, do fundo da sua alma, a mais viva e firme repulsa de tudo quanto represente uma offensa á liberdade e independência com que Jesus-Christo quer que a sua Igreja desempehe a sua divina missão de paz e salvação.

Mas, certos de que, por outro lado, a alma de V. Ex.ª Rev.ª, como a dos Apóstolos ao saírem da synagoga, se sente feliz em ter soffrido affronta pelo nome de Jesus-Christo, representado no seu augusto Vigário, congratulam-se vivamente por que V. Ex.ª Rev.ª fosse achado digno da provação que acaba de lhe ser infligida.

E beijam respeitosa e o sagrado anel de V. Ex.ª Rev.ª.

Guimarães, 16 de Julho de 1910.

(Seguem-se as assignaturas do clero do arceprelado.)

«Um governo que caminha para o despotismo, caminha para a sua ruína: insulando-se de todos, todos se insulam delle.»

De Ferrières.

“Solemnia verba,”

Temos aqui declarado por várias vezes que era nosso firme propósito não nos tornarmos a referir á questão da *Voz de Santo Antonio*, desde que a Santa Sé prudentemente a liquidou. E bem mostramos a sinceridade desse propósito no silêncio que guardamos emquanto não surgiram novos desmandos.

Infelizmente, os desmandos e as provocações continuam e multiplicam-se. Em vez dum órgão de publicidade,

que a Santa Sé supprimiu, vemos em funcção, mais ou menos declarados, pelo menos uns oito ou nove, de vária catadura.

Desde que o jacobinismo mais impio e avançado fez sua a causa duma das partes contendoras, a questão assumiu outro aspecto. Vê-se bem aonde se quer chegar. Os campos estão bem definidos.

Estamos convencidos de que a discussão se não deve prorogar. As almas bem intencionadas estão esclarecidas; as outras o que desejam é a confusão.

Não queremos concorrer para que as aspirações dos maus se realizem. Se ainda hoje fazemos algumas referências accidentaes á questão, que desejáramos para sempre liquidada, é para nos defendermos das aleivosias e calumnias duma folha péssima, que pretende resuscitar a questão, mas que nos parece sufficientemente desmascarada perante o conceito público.

Julgamos ter cumprido o nosso dever. E julgamos cumprilo ainda, declarando que desde hoje por deante lançaremos inteiramente ao desprezo todas as tentativas que os inimigos da causa catholica empreguem para novamente nos chamar á mesma questão, a não ser que motivos excepcionalmente graves ou o claro interesse da Igreja exijam o contrario.

E temos dito.

«A verdadeira honra é ser justo.»

De Livry.

BOM EXEMPLO

E' lícito aprender dos inimigos; e até ha um adágio que ensina que delles é que se deve tomar o conselho: «*Ab hoste consilium.*»

Na questão da impia e arrogante portaria do governo, notamos nós o seguinte.

As folhas liberaes de diferentes partidos políticos, que se acham em figadal e aberta opposição ao governo, auctor da portaria, abafaram por um momento o seu ódio opposicionista para declararem que achavam boa a doutrina do diploma governamental, e que só reprovavam a sua inopportunidade ou os seus termos indelicados.

Vê-se que os liberaes, inimigos da Igreja, põem acima das suas contendas politicas os seus detestaveis principios relativos á religião.

Sam lógicos, sam coherentes no campo em que se collocaram. Preferem a integridade e defesa dos seus principios a todas as considerações e interesses.

Mas é bem certa a palavra do Evangelho: que os filios das trevas sam mais prudentes do que os filios da luz.

Ao mesmo tempo que os inimigos da verdade e da religião assim procedem com franca altivez, alguns defensores da Igreja, inspirados não sabemos em que absurdas razões; acanham-se de ser coherentes, de proclamar a verdade, de levantar bem alto e desfaldar bem abertamente a sagrada bandeira dos principios e revindicações catholicas!

Não se lembram de que a nossa primeira força está precisamente na verdade que advogamos, e de que as nossas campanhas deixam de ter justificação, sam até contradictórias, desde que nellas se insinue qualquer traição á doutrina que professamos defender.

Desenganemo-nos todos de que nunca desarmaremos os nossos inimigos com indignas attenuações dos principios christãos, a não ser que ellas sejam taes que os convençam de que já não somos christãos.

E para longe, para longe sympathias ou benevolências que só se podem comprar á custa da verdade!

Se não podemos sacudir duma vez o jugo que o liberalismo e a impiedade, auxiliados pela cobardia e insensibilidade de algumas gerações de catholicos, têm lançado á Igreja em Portugal, lutemos o tempo que for necessário, tomemos a empresa por partes, mas nunca digamos nem sequer pensemos que as revindicações catholicas sam definidas pelo nosso arbitrio.

Se somos catholicos, não podemos aceitar nunca situações que offendam a nossa santa religião. Supportá-las-hemos sim, mas como um enfermo supporta a enfermidade que o tortura, alimentando sempre a vontade e empregando sempre os melhores meios de se libertar do seu tormento.

«E' uma illusão querer manter o equilibrio, quando se não tem o braço assás forte para sustentar a balança.»

Daru.

D “Correio do Norte,” e o snr. Dr. Abúndio

Quando em nosso último número aqui exprimimos algumas reflexões relativamente ao novo diário do Porto, que mysteriosas personagens entregaram á direcção nada mysteriosa do snr. Dr. Abúndio, faltava-nos o tempo para dizer ao menos o que nos parecia indispensavel.

Uma das coisas que não podiamos omitir era um desmentido solemne a umas insinuações calumniosas que o snr. Dr. Abúndio nos fazia e que lhe serviam de base para requerer ao poder civil novas intrusões em coisas ecclesiasticas.

Este desmentido devia ser publicado também nas columnas onde se publicou a calúmia. Assim o tentamos, mandando ao sr. Dr. Abúndio a seguinte explicação e desmentido.

Ex.^{mo} Sr. Director

No artigo de fundo do n.º 5 do *Correio do Norte*, diz V. Ex.^a que a guerra feita à extinta *Voz de Santo Antonio* começou quando ella «ousou escrever que não havia obrigação em consciência de adherir ao nacionalismo»; que «foi só depois de a atacarem por esta doutrina que começaram a descobrir-lhe erros em outras matérias». E pretende tirar daqui argumento para aconselhar determinada intervenção do poder civil perante as autoridades ecclesiásticas.

Ora aquellas palavras de V. Ex.^a referem-se evidentemente a nós, que fomos quem abriu a campanha contra os erros da extinta revista, e a sustentou durante alguns meses sem cooperação notável de nenhum outro periódico.

Vemo-nos pois obrigados pelo zelo do nosso bom nome, que só queremos apoiado na verdade, e pelo amor da causa catholica, que não queremos ver agravada de nenhum modo e muito menos com fundamento em acções nossas, a pedir a V. Ex.^a o favor e justiça de publicar no proximo numero do *Correio do Norte*, na 1.^a pagina, a seguinte explicação e desmentido.

1.º Não é verdade que começássemos a combater a *Voz de Santo Antonio* pelo motivo que V. Ex.^a diz. V. Ex.^a e qualquer leitor pode verificar, se quiser ler o que sobre o assumpto havemos publicado, que: a) nós declaramos, logo no artigo em que abrimos a campanha, que não acudíamos em favor do nacionalismo, mas de principios superiores offendidos; b) que nunca, no decurso da longa discussão, desmentimos a declaração com que a iniciamos, pois não saímos de principios especulativos e theses geraes.

2.º E' falso que, só depois de combatermos aquella doutrina, descobrissemos erros em outras matérias. Porquanto, logo desde o principio e sempre, tratamos outras matérias: naquella nem sequer tocamos.

3.º Ainda que fosse a discussão daquella doutrina o ponto de partida para descobrirmos na extinta revista novos erros, nem por isso estes deixariam de o ser e de dar materia para condemnação.

E podemos desafiar quemquer que seja a que nos prove o contrario do que deixamos dito.

Pela publicação destas linhas nos confessamos muito agradecidos

Guimarães, 11—7—910.

A redacção de *A Restauração*.

Infelizmente, a lealdade profissional do illustre escriptor não lhe permittiu fazer-nos justiça. O director do *Correio do Norte* antes quiz que as suas falsidades ficassem de pé, do que deixar sem a primeira base o seu conselho ao governo do sr. Teixeira de Sousa para que elle intentasse no exercicio da auctoridade ecclesiastica.

E este homem intitula catholica a sua folha, e afirma em cada linha e quasi em cada letra o seu proprio catholicismo!

Do que aqui escrevemos no passado numero, quasi tudo foi confirmado pelo sr. Dr. Abúndio; pois apenas lhe mereceram reparos os seguintes pontos.

1.º—O sr. Dr. Abúndio pretende filiar a nossa critica ao *Correio do Norte* no facto de o illustre escriptor ter pedido «a auctoridade diocesana um assistente ecclesiastico» e de se collocar «rigorosamente dentro das instrucções pontificias», não admitindo no corpo redactorial sacerdotes que para isso não «sejam expressamente auctorizados» pelo Prelado diocesano. Pois «o cumprimento destas determinações é tam raro entre nós... que não é para admirar que cause amargos de bocca haver um jornal que se lembresse de acatá-las». E é tam raro este cumprimento, que o illustre director aventa, num requerimento ao seu Prelado, que «será talvez o novo jornal, o primeiro dentre os periódicos catholicos portuguezes» que disso dá o edificante exemplo.

Portanto a nossa critica era inspirada na inveja!

Mas nós diremos ao sr. Dr. Abúndio que a sua resposta e toda a sua apregoada delicadeza no cumprimento das instrucções pontificias é inspirada numa vaidade e presumpção, que só encontra

medida na ignorancia que o illustre jurisconsulto mostra das disposições de direito a que se refere.

Ouçã, e desmintam-nos, se pode.

A) Não ha determinação nenhuma no direito ecclesiastico, que exija «licença expressa» (o sábio jurista não se contenta com menos) do Prelado diocesano para um sacerdote poder colaborar na imprensa catholica.

O que o sr. Dr. Abúndio, conhecido auctor duma obra de Direito Ecclesiastico, chama «um preceito do immortal Leão XIII», não passa duma phantasia que muito pouco abona os seus créditos. Leão XIII, no documento a que o director do *Correio do Norte* se refere, não falla dos sacerdotes colaboradores dos periódicos, mas só dos que assumem a direcção delles.

Citamos fielmente («*Constitutio Officiorum ac Munerum, Decr. gener., T. II, C. III, N. 42*»): «*Viri et clero... prohibentur quominus, absque praeuia Ordinarii uenia, diaria uel folia moderanda suscipiant.*» — «E' prohibido aos membros do clero encarregarem-se da direcção de diários ou doutros periódicos, sem prévia auctorização dos Ordinários.»

Nem o texto latino admite traducção que auctorize a interpretação que o conhecido jurisconsulto inventou para serviço da sua presumpção; nem auctor algum, dos vários cuja opinião sobre o assumpto havemos lido, o entende em semelhante sentido; nem o permite (e é este o supremo argumento) o texto da Encyclica *Pascendi*, no ponto onde Pio X suscita a observancia do citado decreto de Leão XIII. Pio X distingue e separa com toda a evidencia os directores dos colaboradores; e applica o decreto do seu sábio antecessor só aquelles.

B) Quanto ao tal «assistente ecclesiastico» — denominação em que o sr. Dr. Abúndio insiste com impertinencia, até no requerimento em que pediu ao seu Prelado uma coisa que não existe em direito —, pedimos licença ao illustre jurisconsulto para lhe notar:

a) Que a Encyclica *Pascendi*, para a qual appella, não falla em semelhante «assistente ecclesiastico.» Portanto o illustre escriptor inventou mais uma prescripção de direito, para ter a vaidade de dizer, até ao seu Bispo, que foi o primeiro que a cumpriu.

b) Que se não pode admitir que o sr. Dr. Abúndio se quizesse referir ao «censor» («*censorem*») de que falla a Encyclica: 1.º porque se não pode crer que um jurisconsulto de tanto saber julgue coisa indifferente a nomenclatura consagrada no direito; 2.º porque, na Encyclica, não se diz que o «censor» haja de ser ecclesiastico.

c) Que, ainda que se pudesse entender que o «assistente ecclesiastico» inventado pelo sr. Dr. Abúndio é o «censor» de que falla o Papa, não havia motivo para o vaidoso espalhamento do illustre director do *Correio do Norte*. Porquanto: 1.º O sapientissimo Pontífice diz que haverá o «censor», quando puder ser («*quoad fieri possit*»). Ora, se o sr. Dr. Abúndio, jurisconsulto, não chegou a entender as disposições disciplinares da Encyclica — disposições que entram directamente na esphera da sua profissão —, poder-se-ham encontrar a cito individuos que tenham comprehendido bem o corpo doutrinal do maravilhoso documento, que, apesar da ordem, do método, da clareza com que foi exarado, tem as profundezas e subtilidades inseparaveis do seu objecto? 2.º Não é certo que o periódico catholico seja obrigado a pedir o «censor». A Encyclica falla desta precaução ao enumerar os deveres dos Bispos, e diz: «Os jornaes e revistas... quando puder ser, tenham um censor designado» («*Ephemerides et commenta-*

ria... quoad fieri possit, censorem designatum habeant.») E a traducção official em francès diz: «*Qu'à chaque journal et revue il soit assigné, autant que faire se pourra, un censeur.*» O que daqui se colhe claramente é que o periódico catholico deve ter o «censor» que o Bispo lhe designar; mas é pelo menos duvidoso que seja obrigado a pedi-lo. E uma obrigação duvidosa, sobre tudo em matéria disciplinar, não é obrigação.

C) Mas, ainda que a jurisprudencia do sr. Dr. Abúndio não fosse tam falsa como se acaba de ver, quem diria ao director do *Correio do Norte* que os outros periódicos catholicos tinham desprezado as determinações do direito? Em que fundaria a sua ridicula arrogancia para vir lançar a público accusações contra os seus irmãos mais velhos? «Eu cá sou o único que conheço e cumprio o meu dever...» — «*Non sum sicut ceteri hominum*» dizia o phariseu.

2.º—O sr. Dr. Abúndio escreve:

«A *Restauração* diz que tem em seu poder um documento no qual o nosso director declara «perfiilar com o mais sincero entusiasmo doutrinas que a Santa Sé condemnou».

«Dizemo-lo bem alto: a *Restauração* falta a verdade. E senão, publique o documento, seja elle qual for, e indique uma a uma, quaes as doutrinas que a Santa Sé houvesse condemnado, e o nosso director escrevesse ou dissesse que as perfiilhava.

«Publique o documento, fielmente, integralmente, para que o povo catholico saiba quem não merece a sua confiança: se o nosso director, se quem delle afirma semelhante falsidade.»

A estas... coisas do sr. Dr. Abúndio respondemos:

A) Não é verdade que attribuissemos ao desmemoriado escriptor as palavras que o *Correio do Norte* publicou entre cõmas e em normando. Apenas pusemos entre cõmas as palavras «com o mais sincero entusiasmo». O que faz sua differença. Posto isto,

B) A *Restauração* não faltou a verdade.

O documento do sr. Dr. Abúndio é a seguinte carta, que *fiel e integralmente* transcrevemos, apesar duma boa parte della nada ter com o caso. Permittimo-nos apenas pôr em typo normando as as phrases que mais importam.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Recebi mais um numero da *Restauração* e agradeço a V. Ex.^a a sua remessa. Como não quero prejudicar, ainda que levemente a empresa, rogo a V. Ex.^a se digne considerar-me seu assignante, mas apenas durante o tempo em que o jornal se occupar da critica ás doutrinas da *Voz de S. Antonio*, doutrinas que eu perfiilho com o mais sincero entusiasmo.

Ardo na ansiedade de saber quaes sam os erros doutrinaes d'aquella publicação no campo moral e dogmatico, erros que V. Ex.^a promete por a descoberto com o valioso concurso de quem em materia de tam singular gravidade, encobre ou disfarça a sua auctoridade sob a rubrica de C. do A.

Legitima é a minha ansiedade e curiosidade, tanto mais que S. Ex.^a o Cardeal chefe da Ordem dos Cardeaes Presbyteros, em documento muito recente e que já corre impresso, declara, a proposito da *Voz de S. Antonio*, que «os respectivos Prelados, juizes da fe, nunca lhe encontraram as doutrinas erroneas que, com boa ou má fé, lhe tem attribuido.»

Afirmando a *Restauração* que a revista franciscana espalha erros sobre materia de fé e de moral, e dizendo exactamente o contrario um dos vultos de mais realce no Sacro Collegio Cardinalicio, a questão assume uma nova forma, da qual eu não posso nem devo desinteressar-me, e na qual estou disposto a entrar com todo o ardor, ao menos para mostrar que os adversarios dos franciscanos de Montariol sam catholicos tam... modelares que não hesitam em collocar-se em opposição ao juizo de um Bispo e de um Cardeal, juizo que a Santa Sé de nenhum modo desaprovou.

Pode V. Ex.^a fazer desta carta o uso que muito bem lhe aprouver, e commentá-la como mais lhe appetecer.

Com a maior consideração me subscrevo

De V. Ex.^a

Att.^o Venr. e obgd.^{mo}

Porto 4—II—910

M. Abundio da Silva.

Ora note-se que:

a) A *Restauração* promettera apontar em successivos artigos os erros da extinta revista; e em virtude desta promessa é que o sr. Dr. Abúndio escreveu esta carta a pedir inscripção como assignante.

b) O sr. Dr. Abúndio declara perfiillar «com o mais sincero entusiasmo» as doutrinas da *Voz de Santo Antonio*. sem restricção nenhuma, sem excepção de nenhuma, e antes de serem desfiados os erros.

c) A Santa Sé declarou que muitas das doutrinas da extinta revista estão em manifesta opposição com o espirito da Igreja e com as instrucções da Santa Sé.

d) A *Restauração*, no artigo a que se refere as calúrnias do *Correio do Norte*, disse «doutrinas que a Santa Sé condemnou», e não «doutrinas que a Santa Sé condemnara». Portanto a condemnação não se dava como anterior à carta, mas sim ao nosso artigo. E' a grammatica quem o demonstra.

Synthese do argumento:

a) O sr. Dr. Abúndio perfiilha as doutrinas da *Voz de Santo Antonio* sem excepção;

b) Mas a Santa Sé condemnou muitas dessas doutrinas;

c) Logo o sr. Dr. Abúndio perfiilha doutrinas que a Santa Sé condemnou.

Portanto quem faltou a verdade não foi a *Restauração*.

C) A intimação para que a *Restauração* «indique uma a uma, quaes as doutrinas que a Santa Sé houvesse condemnado» está prejudicada pela singela explicação grammatical que acima damos ao irreflectido professor de portuguezes.

Apesar de serem de semelhante solidez as bases em que o sr. Dr. Abúndio funda as suas accusações, elle lá continua na sua obra de confusão.

Aqui o intimamos publicamente a que torne conhecidos dos seus leitores os nossos desmentidos ás suas calúrnias. Appellamos mais uma vez para a sua lealdade professional, principalmente no que respeita ao desmentido que já lhe enviamos pelo correio. Não podemos tolerar que fiquem de pé falsidades, que continuam a servir de base a uma verdadeira campanha contra a Santa Sé.

Mandem-se embora para a imprensa estrangeira informações falsas, que sirvam para nos ensinar o que se passa entre nós. Mas haja ao menos o pudor de não negar factos publicos e que desde o principio estão consignados em lettra redonda, expostos ao exame de todos.

«A hypocrisia mostra mais escrupulo do que a propria virtude.»

De Lacroix,

Minúcias

XXVII

As bebidas no verão

Muitas pessoas, sob pretexto de evitar a transpiração, e outras para se acautelarem da pleuresia, recommendam que se beba o menos possivel nos grandes calores.

Ora todos os casos de insolação até hoje observados demonstram que tal pratica é absolutamente perigosa. Todos os hygienistas estão de accordo, hoje em dia, em recommendar que se beba conforme a sede. Aconselham sim que se beba aos poucos, e que, se o calor é excessivo ou a bebida demasiadamente fria, se molhem primeiro as fontes e as mãos, a fim de se evitar um resfriamento demasiado rápido das partes internas do corpo.

Transpirar-se-ha: mas isso pouca importa, visto que a transpiração opera, arrefecendo o corpo. A's pessoas que não transpiram custalhes muito mais soffrer o calor, do que as outras.

Bebei sem medo. A agua que beberdes aquècer-se-ha à custa do calor do organismo; evaporar-se-ha por transpiração, subtrahindo à pelle uma nova quantidade de calórico; e desempenhará um papel ainda mais importante.

Na verdade, é hoje sabido que na insolação—formas graves e formas lejeiras—os accidentes sam devidos, em grande parte, a uma espécie de asphyxia, a uma accumulção, no sangue, de ácido carbonico e de principios nocivos.

As bebidas abundantes estimulam os centros respiratórios até um certo ponto, mas provocam sobre tudo, por transpiração, eliminação dos detritos orgánicos, uma espécie de lavagem do sangue, que produz a evacuação desses venenos.

Deve entender-se que, para obteres resultados, se não deve empregar senão agua bem pura, café muito leve, chá, tisanas inoffensivas, agua com vinho, e não bebidas alcoolicas, que fariam mais mal do que bem.

«A auctoridade dos reis destroe-se, quando se quer firmar demais.»

Henrique IV.

Anecdotas históricas

CCV

A escola de Pythagoras.—A austeridade é um dos caracteres fundamentais da santidade. E é uma condição tam necessária à virtude, que os próprios pagãos, quando ouviam a voz da razão, o reconheciam.

Quando Pythagoras, um dos mais famosos philosophos da Grécia, voltou de suas longas viagens, fundou em Crotona uma escola de philosophia.

Para se ser nella admittido, era preciso soffrer provas longas e variadas. Estas provas abrangiam o regulamento do comer e beber, do trajó e do somno, e dos exercicios corporaes. Tudo tendia a fortificar a alma, purificando-a, a dominar os sentidos, a fazer supportar as privações e vencer a dôr, e a afeiçoar o espirito aos hábitos da meditação.

Os postulantes deviam guardar silencio durante dois, tres ou cinco annos, segundo eram mais ou menos inclinados a fallar. Só então é que eram iniciados na doutrina secreta; pois havia uma doutrina pública para a generalidade dos ouvintes. O que nella havia de mais mysterioso não se confiava senão sob juramento do segredo mais inviolavel.

Todos os discipulos de Pythagoras punham os seus bens em commum. Habitavam todos juntos num vasto edificio, e aí seguiam, durante todo o dia, uma regra cuja austeridade era temperada por algumas artes de recreio.

A frugalidade de suas refeições não admittia nem carne nem peixe. O vinho era vedado aos contemplativos. Todos andavam vestidos duma túnica branca. Ascerimónias religiosas e os sacrificios alternavam-se com os trabalhos do estudo.

E haverá algum insensato que reprove as austeridades da formação christã, ou dos institutos religiosos, em nome da razão? — Quem o faz, ou não tem razão ou não a ouve.

«Um favorito é sempre um agonizante.»

Séneca.

Curiosidades

Um povo que cresce. — Os Franceses crescem... diz uma revista estrangeira. A estatura média do contingente militar, que era no anno passado de 1^m,661, eleva-se este anno a 1^m,662; isto é, ha num anno, se as medidas não enganam, o augmento dum millimetro.

Se o mesmo accréscimo annual se mantiver, a estatura média dos recrutas será, ao cabo de tres séculos, de dois lindos metros. Esperemos...

Cidades grandes. — Abaixo de Londres, a cidade de Nova York é a maior do mundo. E não tardará, se continuar a progredir como até aqui, que faça perder de vista a própria capital da Inglaterra.

Ha cerca de sessenta annos, a cidade de Nova York contava apenas 1 000 000 habitantes; em 1909, contava 4 600 000!

A enorme população que enche aquelles titânicos edificios é essencialmente cosmopolita; e é isto o que, pelo lado ethnographico, merece principalmente ser notado. O elemento anglo-saxónico é submergido pela immigração continuamente renovada.

Sem querer abusar dos números, façamos algumas comparações significativas.

Sabem os leitores qual é a terceira cidade alemã, isto é, a que fica immediatamente abaixo de Berlim e Hamburgo em população? — E' Nova York; quer dizer, em Nova York ha mais alemães do que em qualquer das outras cidades do império.

Querem saber qual é segunda cidade da Rússia, isto é a primeira abaixo de Moscova? — E' Nova York.

Querem saber qual a maior de todas as cidades irlandesas? — E' Nova York.

E por aqui fora... Nova York tem mais Italianos do que Turim, mais Israelitas do que tinha Jerusalem antes de Jesus-Christo, etc.

Chapeus de senhora. — Todos os leitores têm reparado em que, ha certo tempo, estão em moda uns chapeus de senhora monstruosamente grandes e desajeitados.

Mas as modas acabam como principiam. Uma modista de Copenhague, que desde muito tinha o privilegio de cobrir as cabeças aristocraticas, viu abater de repente o seu prestigio, porque uma concorrente mandou ir de Paris uma encomenda de chapeus mais vastos que os seus.

Desanimada, hesitou algum tempo sobre o que havia de fazer para restabelecer o seu credito. Afinal recorreu a um estratagem. Mandou comprar a sua rival duas dezenas de chapeus, dos mais immensamente vastos, e distribuiu-os gratuitamente ás vendeiras da praça, que, expostas todo o dia aos ardores do sol, acceitaram muito reconhecidas.

Quando as elegantas da cidade viram as vendeiras de peixe e de legumes com chapeus como os seus, entenderam que o chapéu grande se tinha tornado demasiadamente commum. E, não querendo ser emparceiradas com as peixeiras e galinheiras, deram a suas creadas os chapeus que haviam comprado a nova modista e que ainda na véspera lhes pareciam maravilhas de graça e distincção. Foi um golpe de morte na enormidade dos chapeus: convencionou-se em Copenhague que só as creadas de servir e as peixeiras poderiam tolerar taes horrores. E a antiga modista teve occasião de se resarcir largamente da despesa que fizera com os vinte monstros...

Não ha nada mais tolo do que a moda.

«A fortuna parece-se com um mercado: basta esperar, para que o preço baixe.»

Bacon.

Qual é a minha vocação

O que devo aconselhar acerca da escolha do estado?

CONVERSAS
de Theophilo com um missionario

III

DO ESTADO RELIGIOSO

II conversa

O missionario. — Muito mais, Theophilo; Jesus Christo não estabeleceu até este estado senão para facilitar a salvação e o cumprimento dos mandamentos.

Assim, encontram-se no estado religioso menos occasiões de peccado e mais meios de salvação. «Todos sabem, diz S. Ligorio, que as más occasiões sam a causa mais ordinaria da perda das almas». Ora no mundo encontram-se perigos quasi a cada passo. Os theatros, as leituras levianas, as festas do mundo, as relações com as almas perversas, que penetram por vezes até ao santuario da familia, os maus discursos, os exemplos perigosos, o luxo, as maximas oppostas ao Evangelho, sam decerto outros tantos engodos que apartam de Deus.

Theophilo. — Isso é demasiadamente verdadeiro todavia a gente pode salvar-se em toda a parte.

O missionario. — Sim, Theophilo, como em toda a parte se pode perder; mas reconhece que na vida religiosa está-se isento da maior parte das seducções que transviam tantos mundanos. Assim, S. Ligorio diz que aquelles que se perdem no mundo sam em grande numero, e que os que se perdem nos mosteiros sam raros. E é isso o que a experiencia de todos os dias prova.

Theophilo. — No mundo, meu Padre, ora-se pouco e não se frequentam os sacramentos....

O missionario. — E é isso precisamente o que dá ás más occasiões tanto imperio sobre as almas. A oração e os sacramentos sam tanto mais necessarios a gente do mundo quantos mais sam os perigos de que está cercada; mas a desgraça é que ella não procura a força onde a poderia beber; ao passo que as almas religiosas, que já estão ao abrigo dos perigos do seculo, sam levadas, pela sua regra, a orar, a confessar-se, a commungar regularmente, a meditar, a ouvir instruções, a fazer cada anno um retiro. Ajunta a isto os bons exemplos, a vigilancia dos superiores e o habito de fazer actos de virtude, o qual dá facilidade de produzir outros ainda mais meritorios. Oh! quantas almas, que se arrastam miseravelmente no peccado, porque se acham sem apoio no meio dos escolhidos do seculo, se tornarão santas num convento!

Theophilo. — Eu não posso negar isso, meu Padre; porque muitas vezes tenho encontrado amigos meus que tinham as melhores disposições para a virtude, e todavia se desencaminharam em consequencia da privação dos soccorros espirituales que elles encontravam na sua familia. Dentre elles varios tinham até, ao principio, intenção de entrar em religião; mas foram desviados della pelo que lhes disseram das difficuldades que se encontram nos conventos.

O missionario. — O espirito maligno não muda: por mentiras é que elle seduz sempre os homens. A verdade, Theophilo, é que, se ha alguma verdadeira felicidade na terra, é sobretudo para os religiosos fervorosos. Não prometeu Nosso Senhor, desde este mundo, o centuplo aquelles que deixam tudo para o seguir? E a sua pala-

va não passa. Se os homens soubessem a paz que se goza nesses santos asylos da oração, escalar-se-hiam os conventos, e o mundo tornar-se-hia uma solidão, como dizia Santa Escholastica.

Theophilo. — Não se deve comtudo estar isento de cruces no estado religioso!...

O missionario. — A cruz, Theophilo, é a partilha do homem neste mundo. E' preciso esperar levá-la em religião e estar resolvido firmemente a renunciar-se a si mesmo e a vencer-se. Com esta condição, o religioso fervoroso experimenta a unção da cruz. As amarguras sam reservadas, diz S. Ligorio, ás almas infieis. E fica sempre verdadeiro que os religiosos fieis têm o centuplo desde esta vida, esperando a segurança na morte e uma recompensa particular no ceu.

Theophilo. — O estado religioso é tam vantajoso à sociedade como ao individuo que o abraça?

O missionario. — Que poderia perder a sociedade em possuir no seu seio homens que tendem à perfeição? Os conventos sam guarda-raios que pela oração afastam o raio prestes a ferir um mundo culpavel. As almas religiosas, mais docéis em escutar a voz de Jesus, como Maria, sam também, como Martha, mais empenhadas no serviço do proximo. E, com a historia na mão, é facil mostrar a quem quiser vêr o estado religioso através das edades espalhando beneficios sobre as sociedades, instruindo os ignotantes, cultivando as letras, as sciencias e as artes, abrindo asylos a todos os infortunios, fertilizando os pantanos e os desertos mais incultos, à custa de sacrificios que os mundanos não sabem sequer sempre admirar.

Theophilo. — Como se ousa pois chamá-los seres inuteis?

O missionario. — E' esse mais um dos juizos injustos dos impios: não ha vida mais laboriosa nem mais bem cheia que a do religioso, porque ella é mais regular e toda applicada ao verdadeiro fim. «Não ha ninguem entre nós, dizia com razão S. Bernardo, que, se fizesse no mundo o quarto do que faz no claustro, não fosse venerado como um santo e não passasse por um anjo.»

(Continua)

«A innocência é um crime entre os criminosos.»

S. Cypriano.

Noticiario

O clero de Guimarães e a portaria. — Realizou-se no sabbado passado, no salão do Circulo Catholico, uma imponente reunião do clero deste arcebispo para assentar no modo de protestar contra a recente portaria dirigida pelo sr. ministro da justiça ao sr. Arcebispo Primás e de desaggravar o venerando Prelado.

O digno arcepreste, sr. Cónego Moreira, propôs para presidente o sr. Abade de Tagilde e para secretários Mons. Joaquim da Cunha e o sr. P.^e Leite de Faria: o que a assembleia approvou.

Aberta a sessão, o sr. Dr. Moreira explicou o motivo por que convocara aquella reunião. Disse que muito desejava que ali não apparecesse a nota politica. Agradeceu a comparência do clero. E declarou que o seu plano era que se dirigisse ao sr. Arcebispo uma mensagem de protesto e desaggravo, cujo projecto ia ser lido: mas que a assembleia se pronunciará como entendesse.

Em seguida o segundo secretario leu o projecto da mensagem, acompanhando a leitura de algumas explicações em que accentuava os pensamentos dominantes

que tinham presidido à sua redacção.

A assembleia approvou unânimemente o projecto.

Mas o sr. Cónego Vasconcellos, declarando approvou também a mensagem, salientou num breve discurso a necessidade da união do clero entre si e com os seus superiores, e propôs que se amplificasse um pouco mais o ponto do projecto em que essa necessidade se achava consignada. O que a assembleia approvou por unanimidade.

Em seguida foi assignada a mensagem.

O texto da mensagem vai publicado na nossa primeira página.

Ficou resolvido que se mandasse immediatamente um telegramma ao nobre Primás, em que se lhe desse parte da deliberação da assembleia; e que a mensagem fosse entregue pessoalmente ao sr. Arcebispo pela mesa e por mais alguns membros da assembleia.

Esta entrega realizar-se-ha na próxima quarta-feira.

Eiz o telegramma enviado:

«Senhor Arcebispo Primás—Braga—Clero Arciprestado reunido incondicionalmente lado V. Ex.^a resolveu enviar mensagem por uma commissão.

O arcepreste Moreira.

Ao qual o sr. Arcebispo respondeu:

Ex.^{mo} Cónego Moreira—Guimarães—Agradeço muito penhorado adhesões do clero arceprestado.

Arcebispo Primás.»

Festa da cidade e feira franca de S. Gualter.

— Está tudo em movimento; e, pelo que se vê, podemos asseverar que as festas gualterianas excederão em belleza e em utilidade as que se têm realizado desde 1906 que, como de todos é sabido, têm sido brilhantissimas.

A exposição agricola e o mostruario de industrias vimaranenses vam ser, certamente, o melhor numero das festas.

Trabalha-se afanosamente na *Marcha Milaneza*. A briosa mocidade dos balcões põe neste numero que lhe pertence todo o seu enthusiasmo juvenil e José de Pina tira do seu talento artistico novos numeros que ham-de enthusiasmar todos os que presenciarem o famoso cortejo luminoso que só Guimarães realiza em Portugal.

Ha também grande enthusiasmo para a batalha das flores. A briosa commissão emprega os seus melhores esforços para que este numero exceda, em calor e brilhantismo, a batalha do anno passado que deixou em todos as melhores impressões.

Consta-nos que alguns jornalistas tencionam apresentar um carro da imprensa, distribuindo poesias impressas durante a batalha.

Ainda na semana que vae decorrendo deve principiar a ser distribuido o programma em forma de jornal com o titulo—«Gualterianas».

O «Gualterianas» apresentar-se-ha com muitas illustrações de monumentos vimaranenses e de assumptos que se prendem com a Festa da Cidade.

O cartaz das Gualterianas, que é a mais bella obra, no genero, de quantas se tem ahi produzido, já foi collocado nos logares publicos.

José de Pina foi felicissimo na concepção, e a execução é primorosa.

Num enorme medalhão, onde se esboçam o Castello de Guimarães, e o pavilhão da Exposição Agricola e Mostruario Industrial, destaca-se, assentada numa an-

cora, uma figura de mulher, representando a Cidade em trajes mi-nhotos, fiando na roca.

José de Pina procurou a decoração em productos de agricultura e apetrechos da lavoura e da industria.

Pagamento de contribuições.

— Termina no fim do corrente mês o prazo para o pagamento da segunda prestação das contribuições predial e industrial de 1909 e da terceira prestação dos contribuintes que pagam em trimestres as contribuições.

«Por Guimarães».

No dia 9 do corrente reuniu em assembleia geral, sob a presidência do sr. Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves, o Grupo de Propaganda «Por Guimarães», tomando as seguintes deliberações:

Por proposta do sr. presidente, foi mandado exarar na acta um voto de agradecimento e congratulação pela forma como a commissão fundadora do Grupo tem dirigido e orientado os seus trabalhos.

Por proposta do mesmo sr., também foi resolvido que continue no exercicio das suas funções, administrando o Grupo, a mesma commissão fundadora, até á approvação dos Estatutos que hamde ser enviados á estação competente.

Que sejam mantidos na categoria de socios honorarios, e como taes para todos os effectos approvados, os actualmente existentes, nomeados pela commissão fundadora.

Nomeou uma commissão composta dos snrs. Dr. Abel Gonçalves, Capitão Antonio Infante, Alberto Cezar, Antonio Luis da Silva Dantas e Antonio Joapum de Sousa Junior, para elaborar o projecto dos Estatutos porque o Grupo ha de reger-se para ser discutido e votado em assembleia geral.

Resolveu tomar parte nas festas da cidade, fazendo tudo o que as suas forças pecuniarias permitam.

Cartas de encomendação.

— Na Camara Ecclesiastica de Braga foram passadas por um anno cartas de encomendação: em 1 de julho, ao rev. Manuel Ferreira de Faria, para a igreja de S. Pedro Fins de Gominhões; em 4 de julho aos revs. José Dias da Silva, para a igreja de S. Christovão de Cima de Selho, José Antonio Vieira de Castro, para a igreja de S. João Baptista de Pencillo e Paulo José Pereira Guimarães, para a igreja de S. Martinho de Cadoso.

Donativo.

— O sr. Comendador Luis José Fernandes, abastado proprietario e capitalista desta cidade, mandou entregar ao Asylo de Santa Estephania, por intermedio do sr. Antonio José da Silva Ferreira, o valioso donativo de 1187700 réis.

Foi uma esmola bem applicada.

Carta de Cura.

— No dia 30 de junho passado foi passada carta de cura ao rev. Patrio Affonso, para a igreja de S. Pedro de Polvoreira, deste concelho.

Transferencia.

— Por conveniencia de serviço, Carlos Maria Machado, aspirante auxiliar da estação telegraphica central de Lisboa, foi transferido para a estação telegraphica postal de Guimarães, e João Gualberto do Nascimento Pires, aspirante auxiliar provisorio da estação de Guimarães, para a estação telegraphica central de Lisboa.



OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

— DE —

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão — Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 collecções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

Bibliotheca religiosa

Obras editadas pela empresa de "A RESTAURAÇÃO" e á venda na Typ. Minerva Vimaranesense — Rua de Payo Galvão — Guimarães.

Recordação dos meus estudos

Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

1.^a série—Um vol. de 46 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

2.^a série—Um vol. de 50 páginas em 4.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Ezerville, accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 60 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "

Officio da Immaculada Conceição

Texto portuguez, com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 páginas, em bom papel:
Preço 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

As Bem-aventuranças evangelicas

Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 páginas em 8.^o:
Em brochura 50 reis
Cartonado 100 "

Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 112 páginas em 8.^o:
Em brochura 100 reis
Cartonado 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ideo á missa?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lycceu de Guimarães. 2.^a edição auctorizada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo Primás. 32 paginas, em 8.^o.

Preço avulso 30 rs. franco de porte. Para propaganda, por cada 10 exemplares, remettidos pelocorreio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusivé, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

Vida de S. Luis Gonzaga

Modelo e protector da mocidade catholica

Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:
Preço 30 reis
Pelo correio 35 "

Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francês)

Um volume de 118 páginas em formato elegante:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

Nem de mais nem de menos

Romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um vol. de 108 páginas, em 8.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 "

Izabel

Por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um volume de 156 páginas, em 16.^o:
Preço 50 reis
Pelo correio 60 reis

A Dictadura

Por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:
Preço 250 reis
Pelo correio 270 "

O almocreve das petas

Por Spiritus Asper.
1.^o vol., com 128 páginas, em 8.^o:
Preço 80 reis
Pelo correio 90 "

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 réis. Em series de 20 ou mais exemplares, sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não será attendidas.

HIGH-LIFE — ATELIER DA MODA

93, Rua da Rainha, 97 — GUIMARÃES

Estação de verão. Chapéus para senhoras e creanças, segundo os ultimos figurinos de Paris. Exposição permanente. Variadissimo sortido Colletes de espartilho do Atelier portuense "A PRINCEZA,,

PREÇOS MODICOS.

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHÓLICO

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno 1\$900 rs.
Semestre 650 "
Trimestre 350 "
Numero avulso 30 "

Anuncios e comunicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha 20 "
Reclamos, até 5 linhas 100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de A Restauração.

O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, capellão de Montmartre.

Tradução de R. F.

Introdução do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administração do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

A RESTAURAÇÃO

6.^o anno

SEMANARIO CATHÓLICO

N.º 288

Ex.^{mo} Snr.